

O cálculo de desaparecer e Leonardo Sciascia: a investigação de um sumiço, por Marika Avezzù

em outubro 23, 2020



Stefano Simone - Ettore Majorana

Neste período, em que ficar em casa é uma necessidade, as pessoas que nos rodeiam começam a desvanecer, deixando uma falta preenchida por reuniões virtuais e comentários em redes sociais ou fóruns. A imagem física do indivíduo desaparece deixando no seu lugar suas palavras que, diante de nossos olhos, aparecem por meio das luminosas telas dos celulares e dos computadores que se tornaram quase como um prolongamento do nosso corpo.

Desaparecer, atualmente, parece ser a coisa mais fácil do mundo: é só desligar um aparelho tecnológico que nos permite conectar com o lado “interativo” e a nossa existência se afasta da sociedade e, aos poucos, desvanece. Entretanto, o desaparecer, no passado, não consistia em se desconectar de um aparelho, mas era algo mais calculado e, certamente, mais concreto. Autores como Edgar Allan Poe, Jorge Luís Borges, Ermanno Rea ou Luigi Pirandello tratam de pessoas que desapareceram de alguma maneira, sem deixar rastros; a literatura está repleta de obras onde o protagonista é o desaparecido, mas minha intenção, neste artigo, é tratar, em específico, da obra *La scomparsa di Majorana* (1977) de

Leonardo Sciascia, o qual relatou um dos desaparecimentos, se não o mais importante, que marcou a Itália do século XX.

Para poder analisar mais profundamente a obra citada e a questão do desaparecimento, gostaria de apresentar rapidamente o próprio autor: Leonardo Sciascia (1921-1989) foi um escritor italiano da segunda metade do século XX e se pode afirmar que foi um dos mais conhecidos, na literatura italiana, pela sua escrita linear, direta e ao mesmo tempo capaz de deixar o leitor refletir sobre os assuntos que ele tratava nas suas páginas. Sciascia é famoso, especialmente, por ter escrito a obra *Il giorno della civetta* (1961), traduzido e publicado, no Brasil, em 1995 com o título *O dia da coruja*. Esta obra é conhecida porque o escritor foi o primeiro a denunciar, por meio de um romance, a existência da máfia. Embora sua popularidade por essa obra, o foco do artigo se concentra em outra que, além disso, é uma das últimas de Sciascia: *La scomparsa di Majorana* (1977), traduzido e publicado no Brasil em 1991 com o título *Majorana desapareceu*.

A obra, resumidamente, é a coletânea de documentos, cartas e testemunhas que traçam os passos de um cientista que em 1938 desaparece (e jamais encontraram o corpo) sem deixar rastros; assim como se apresenta o título da obra, tem-se clara a ideia de que será tratado de um enigma, um dos maiores do século XX na Itália: o desaparecimento do físico Ettore Majorana.

Por meio das palavras de Sciascia, procura-se a motivação do sumiço do cientista: a obra, de gênero *giallo*[1], não é somente investigativa, mas ela mesma torna o leitor um investigador cuja tentativa será a de compreender o porquê do desaparecimento de Majorana e, também, poderá levantar suas hipóteses. Ele foi raptado? Fugiu? Ficou no mosteiro em Nápoles como as últimas testemunhas relataram? Ou fugiu para o estrangeiro abandonando família e amigos, deixando eles acreditarem que morreu? O mesmo Sciascia ressalta, nas suas páginas, que está presente “... a incongruência de um suicida que trazia consigo quanto mais dinheiro possível e o passaporte, fosse para dar à mãe a ilusão de acreditar que ainda estivesse vivo.”[2] Majorana desapareceu, e lendo as páginas da obra sciasciana, percebe-se que o ato de desvanecer foi premeditado há tempo e deixou a família, os amigos e até o governo que foi à procura dele, em um estado de sensação de ausência. David Le Breton, na obra *Desaparecer de si* (2018), afirma que desaparecer é como um estado de ausência do indivíduo. Isto é, o desaparecimento é mais um limbo do que uma situação concreta onde o ser está. Se considerarmos o mesmo cientista Majorana tratado na obra de Sciascia compreendemos que a presença do físico, do nome e da ideia dele é constante em todos os capítulos; estes parecem trechos de um ensaio que relatam as experiências e as vivências do jovem físico. De fato, a obra, inicialmente, era o produto de um ensaio, dividido em episódios, e publicado diariamente pelo jornal *La stampa* em 1975. Isto é, os capítulos da obra que conhecemos, eram os fragmentos que compunham o mosaico das experiências e das vivências do jovem físico. Entretanto, tudo

o que foi referido é somente uma transcrição de uma voz que relata o que “presumivelmente” e “narrativamente” aconteceu com o cientista e é por isto que Sciascia consegue tornar o leitor um investigador capaz de supor e de criar suposições a respeito de Majorana e do seu desaparecimento.

Além disso, tendo em consideração o fato histórico e o título, *La scomparsa di Majorana*, entende-se já como a obra termina. Sciascia simplesmente relatou, por meio das suas palavras simples e diretas, o estado de limbo de um dos indivíduos mais conhecidos do século XX, comparado pelo mesmo Enrico Fermi, a Galileu Galilei e a Isaac Newton.

Embora o leitor-investigador procure uma tentativa de compreender o desaparecimento de Majorana, é interessante considerar que, como afirma Le Breton, pode haver vários tipos de desaparecimentos e, também, várias motivações pelas quais se decide planejar a própria ausência da sociedade. De fato: “O desaparecimento pode ser um desgaste das significações que conservam o indivíduo no mundo, uma breve experiência de desresponsabilização”[3]; desta maneira, o desgaste do indivíduo torna em desejo se subtrair à sociedade na qual ele está, assim dando vida ao seu desaparecimento, tirando-se de toda responsabilidade da sua antiga identidade; isto não significa que desaparecer aconteça somente fora de casa, subtraindo-se ao contato humano e a sociedade, mas também pode acontecer dentro das quatro paredes do próprio lar, não querendo mais sair, como fez a escritora Emily Dickinson nos seus últimos trinta anos de vida, ou como nós mesmos estamos fazendo neste período de isolamento social: apesar de ter ainda responsabilidades, estamos desaparecendo ao olhar do outro e não pertencemos mais àquele mundo do qual fazíamos parte antes de que tudo começasse. Nossa imagem se torna invisível e nossa identidade se satura ao ponto de sumir.

Considerando a saturação da nossa imagem (e assim nosso desvanecer), Le Breton compara a situação do desaparecimento com a cor branca, sendo ela a conjunção de todas as cores e, portanto, a saturação da identidade; o indivíduo é desgastado e o autor, considerando as palavras de Robert Walser, compara o desaparecimento ao brancor da neve, ao espaço que ela ocupa, como “a sensação de um mundo suspenso”, onde o indivíduo desaparece e “pode descansar”[4]. Porém, este lugar, para familiares e entes policiais não é tão “tranquilo”, pois lendo a obra sciasciana, entende-se que a família Majorana (especialmente a mãe e uma das irmãs, como afirma o jornalista da *Repubblica* Luca Fraioli) estava tão desesperada com o desaparecimento do jovem que chegou até ao ponto de pedir auxílio ao político Giovanni Gentile:

Vossa excelência,

Peço humildemente de receber e ouvir o Doutor Salvatore Majorana, o qual precisa conferir com Vossa presença o caso infeliz do irmão, professor desaparecido. Parece que, de um novo indício,

seja necessária uma nova investigação, dentro dos conventos de Nápoles e aos redores [...] E se, como se espera, ainda há tempo de salvá-lo e reconduzi-lo à vida e à ciência, não se deve deixar de lado intenção alguma. [...]

Sempre à sua disposição,

Giovanni Gentile[5]

Com esta carta, inicia a obra de Leonardo Sciascia e já nos demonstra que o desaparecimento do jovem se tornará assunto nacional: a polícia, e o Vaticano também, estão à procura dele e os familiares “como sempre acontece nos casos em que não se encontra o cadáver, ou se acha casualmente mais tarde e irreconhecível, aqui entram na loucura de acreditá-lo ainda vivo.”[6]. Porque o corpo nunca foi encontrado e a mãe de Majorana jamais perdeu a esperança de abraçá-lo novamente. De fato, como relata Sciascia nas últimas páginas da obra, ela deixará no testamento a herança familiar que lhe pertence. Dorina Corso Majorana sempre afirmou que “nunca foram percebidos nele”, ou seja, no jovem cientista, “precedentes clínicos ou morais que deixem de pensar ao suicídio”[7].

Entretanto, nem as cartas diretas para Mussolini mudam as ideias da polícia, a qual, desde o começo, acredita que, como está escrito em seus relatórios de busca, o planejamento de desaparecer de Majorana foi mais um suicídio do que uma simples maneira de fugir da realidade à qual ele pertencia. Portanto, se voltar a pensar ao branco da neve, citado por Le Breton, é possível compará-lo ao do papel dos relatórios policiais, os quais tratam do desaparecimento do cientista, embora a tinta preta e o passar do tempo tornam mais escuras as páginas e, desta forma, há uma passagem que vai do branco, saturação das cores, ao preto, sinônimo da morte na cultura ocidental e que absorve todas as outras cores, nada é saturado e tudo termina com o fim das pesquisas e com a “morte” de Majorana; a morte está entre aspas porque no fim nunca foi achado o corpo e somente depois de 82 anos, dois físicos italianos (Nadia Robotti e Francesco Guerra contando para a *Repubblica* da provável descoberta) afirmaram que a prova mais concreta, após as leituras das cartas de alguns amigos do cientista, é que muito provavelmente Majorana se suicidou em 1939.

Simplemente e pirandellianamente, do cientista sobrou somente o nome, e a sociedade o declarou morto, como aconteceu com o protagonista da obra *O falecido Mattia Pascal* (1904), o qual foi dado por morto depois de terem encontrado um corpo exânime, reconhecido pela mulher dele e a sogra, num moinho.

O Vaticano também procurou o cientista pelos demais mosteiros italianos, mas como afirmou o jornalista Roncoroni, depois de ter lido o dossiê de Majorana, descobre-se que a procura parou depois de apenas um mês. Somente a família ficou, inutilmente, esperando a volta do jovem, mesmo que, segundo o

artigo de Fariol publicado no cotidiano *La Repubblica* no dia 13 de agosto de 2020, na realidade os parentes permaneceram em silêncio pois, presumivelmente, descobriram a morte do jovem e silenciaram as procuras para evitar de criar outro escândalo familiar que se ligaria ao infanticídio acontecido na mesma família em 1924 (uma criança foi assassinada no berço incendiado pela empregada doméstica).

Apesar de ter lido a última possível verdade sobre Majorana, podemos somente supor que ele realmente morreu em 1938, pois o corpo nunca foi encontrado e a prova, como relatam os dois físicos, está nas palavras de uma carta de Giovannino Gentile, outro cientista, que comenta o suicídio de um colega: “Desta forma, querido Gatto, perdemos outro amigo. Parece um destino que leva jovens como Majorana e Manià a essas supremas resoluções.”[8]. A suposição está nas comparações de um corpo nunca mais encontrado e de outro achado e dado por morto. Além disso, em 2015, no jornal *Corriere della sera*, foi publicada uma entrevista feita para Salvatore Majorana, bisobrinho do jovem físico desaparecido, o qual afirma que a família sempre acreditou que Majorana não se suicidou, e sim que há a probabilidade de desaparecer da sociedade por alguma motivação e provavelmente, a obra de Sciascia seja uma provável solução ao mistério. Desta forma, há incongruências entre os relatos familiares por parte de ambos os artigos.

Desta forma, não é possível afirmar o que aconteceu realmente com Ettore Majorana: seu desaparecimento foi calculado, planejado, talvez, para evitar de entregar aos fascistas a própria descoberta, a fissão nuclear, salvando assim o mundo de um perigo iminente, ou talvez quis acabar com a sua vida por causa de uma “depressão” como define a polícia. Com o desaparecimento de Ettore Majorana há a criação de variadas soluções e podemos pensar que ele somente quis “descansar” da sua identidade, embora isto leve a uma faca de dois gumes porque, como acontece com Mattia Pascal (e citado também pelo mesmo Sciascia dentro da obra), o desaparecimento leva a se privar não somente do próprio passado, da sua vida, mas também de seu nome. Perdendo-se a identidade, não se possui mais o direito na sociedade nem é possível ser reconhecido pela polícia e, desta forma, não se existe mais. Em poucas palavras, a identidade se transforma em armadilha da qual é preciso tomar cuidado constantemente e se alguém escolhe desaparecer, deve ser consciente das consequências que tudo isto pode levar.

Majorana deixou seus vestígios nas pessoas amadas e, graças a Leonardo Sciascia, na literatura; ele é um desaparecido que ao mesmo tempo aparece naquele branco, limbo entre vida da sociedade, do que nos rodeia, e a mesma morte. Pode haver sempre novas provas, novas ideias, mas não havendo um corpo, como aconteceu com Majorana, não é possível realmente afirmar algo concreto e, com isso, o desaparecimento sempre nos questionará sobre o que pode ou não pode ter acontecido.

Como citar: AVEZZÙ, Marika. "O cálculo de desaparecer e Leonardo Sciascia: a investigação de um sumiço". In "Literatura Italiana Taduzida", v. 1, n. 10, out. 2020.

Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216831>

SITOGRAFIA

SIDERI, Massimo. "Il nipote e la verità su Majorana: non si uccise, io credo a Sciascia". In: "Corriere della sera", 2015.

https://www.corriere.it/cronache/15_febbraio_06/nipote-verita-majorana-non-si-uccise-io-credo-sciascia-dcad2a1c-add2-11e4-92f5-d80ea89fe184.shtml

RONCORONI, Stefano. "Il dossier di Majorana in Vaticano". In: "La Repubblica 2020".

https://rep.repubblica.it/pwa/robinson/2020/04/30/news/il_dossier_majorana_in_vaticano-255288957/

Ettore Majorana, https://pt.wikipedia.org/wiki/Ettore_Majorana

Leonardo Sciascia e Ettore Majorana, <https://www.amicisciascia.it/rubriche-del-sito/sciasciana/item/541-spigolature-su-la-scomparsa-di-majorana.html>

[1] Os romances policiais, na Itália, são chamados de "gialli", devido a uma coleção de livros lançada em 1929 pela editora Mondadori que tinha a cor amarela ("giallo", em italiano) na capa. A partir daí, as obras de tal tema passaram a se chamar "gialli".

[2] SCIASCIA, Leonardo. *La scomparsa di Majorana*. Adelphi Edizioni spa, 1975, p. 76; Os trechos da obra *La scomparsa di Majorana* são produto de tradução feita por mim.

[3] LE BRETON, David. *Desaparecer de si*. Petropolis: Editora Vozes, 2018, p. 16.

[4] *Idem*, p. 30.

[5] SCIASCIA, Leonardo. *Op. cit.*, p. 13.

[6] *Idem*, p. 14.

[7] *Ibidem*, p. 75

[8] FRAIOLI, Luca. "L'ultima verità su Majorana". In: "La Repubblica", 2020.

https://rep.repubblica.it/pwa/longform/2020/08/13/news/ettore_majorana_il_mistero_della_scomparsa_ecco_l_ultima_verita_sul_fisico_nucleare_del_gruppo_di_via_panisperna-263828441/?ref=RHPPTP-BH-I264528233-C12-P4-S1.12-F0